DISCURSOS

DE RAIMUNDO GIRÃO (*)

Aquêles que, desde os primeiros dias do século 17, chegaram e pelejaram, sofreram, venceram e se fixaram, preparando a nossa evolução econômico-sócio-política, transmitiram ao chão desta terra de contrastes geográficos e humanos os vestígios da sua luta e legaram-nos valioso tesouro de tradições — o nosso passado.

E o passado não é senão uma visada emocional para trás, uma tela de côres que esmorecem, um panorama de relevos mal precisos que, no entanto, os olhos das recordações avivam e realçam na majestade primitiva.

Na tôrre alta das rememorações contemplo lá em baixo êsse panorama com os gilvazes da marcha pelo tempo que os nossos avós, heróicos e rudes, caminharam, e já agora demoro a vista no interêsse de um ponto qualquer, como se sôbre êle caísse um feixe de luz para torná-lo mais nítido — a Fortaleza da Assunção no ano de 1887.

Ressaem claras as linhas tôdas do que descortino — a capital do Ceará Grande cortada ao meio pelo gume líquido do Pajeú, no seu acanhamento de burgo provinciano que se esforça, sem conseguir muito, por vencer o que até ali, na sua timidez, não lograra deixar de ser.

Lá na ourela do mar, quebram as águas da enseada sem pôrto, com algum raro navio a descer ferro para a entrega de mercadorias e de passageiros espantados, trazidos à praia, na peripécia de manobra difícil, pelos braços dos catraieiros robustos, que afrontam um oceano deseducado e insolente.

Em terra, o casario como que agachado, no medo de erguer-se para o céu, agasalhando uma população que as estatísticas limitam na mi-

---

(*) *Pronunciado na sessão solene de 25 de agôsto de 1955, quando tomaram posse dez novos sócios do Instituto do Ceará.*

núcia numérica de 26.943 e respira e ambula e labora em 45 ruazinhas modestas. Apenas algumas com pavimentação, e de pedra tôsca, formando nos seus cruzamentos de quadrinhos de jôgo de dama 15 pulmões de praças, uma única das quais com jardim — o Passeio Público.

O Passeio afamado, que o português-cearense Tito Rocha transformara na vaidade da cidadezinha, em suas comparações de rivalidade com as outras capitais do Norte.

Dos seus 4.380 prédios de tijôlo e barro, não mais de 70 pobres sobrados, que se alteavam presunçosos, dominando as telhas das outras casas. A iluminação, confiada ora à lua dos luares lindos do Ceará, ora aos combustores mortiços da companhia estrangeira do gás, saudosamente melhor que a de hoje, sem colapsos de trevas irritantes, nem quiluotes comprados pelos cruzeiros penosos da carestia.

Um serviço de bondes de burros — o da Ferro-Carril, havia dez anos em tráfego de horário pontual, e o de telefones de manivela, instalados, fazia quatro, pelo arrôjo do negociante Confúcio Pamplona.

A instrução e educação dos rapazes ministravam-nas o Liceu e o Seminário Episcopal, afora os ginásios de curso primário e secundário: — o "Ginásio Cearense" do Professor Anacleto de Queirós, o "Novo Ateneu" do Capitão Duarte Bezerra, o "Educandário Florisa", do Prof. Lino Encarnação. As jovens aprendiam no "Imaculada", no "Santa Rosa de Lima", de Judite Amaral, no "Telêmaco", de Maria Pagels, no "Instituto Nossa Senhora da Vitória", de Maria José Gondim 16 escolas públicas e algumas particulares inteiravam a pedagogia da época.

Três livrarias vendendo ou alugando livros, dez médicos de consultório aberto, doze advogados militando o fôro.

No setor cultural, já nem se ouvia mais o bulício, que tivera tanta irradiação, dos moços da *Academia Francesa* de 72-75, e aqui e ali só algum já descolorido comentário sôbre a refrega de inteligência e de patriotismo que reduzira a torrões a fortaleza imunda da escravidão negreira, em 1884.

Os homens de pensamento estavam vivendo por si, na moleza das indiferenças, cada qual contribuindo, ao seu talante e preguiçosamente, para a vida intelectual da Província, e só de recente se haviam agrupado uns tantos, meses antes, no "Clube Literário", da iniciativa de João Lopes, Antônio Bezerra, Antônio Martins, Oliveira Paiva, José Olímpio, Abel Garcia e José de Barcelos, com a posterior adesão de Alfredo Bomílcar, Rodolfo Teófilo, Farias Brito, Justiniano de Serpa, Juvenal Galeno, Manuel Pereira, Augusto Xavier de Castro e Francisca Clotilde.

A revista *A Quinzena*, do grêmio, e o jornal "Libertador", com o

seu elenco de colaboradores talentosos, propulsavam, na expressão do Barão de Studart, "o renascimento literário do Ceará".

É então que em março, no dia 4, outra agremiação aparece no cenário calmo — o Instituto do Ceará, reunidos numa das salas da Biblioteca Pública os seus oito ideadores — Paulino Nogueira, Joaquim Catunda, João Perdigão, Guilherme Studart, Júlio César, Padre Dr. João da Frota, Antônio Augusto e Antônio Bezerra, aos quais se ajuntaram sem demora José Sombra, Virgílio de Morais e Juvenal Galeno. *Les beaux esprits se rencontrent.*

O objetivo da sociedade era "tornar conhecidas a história e a geografia da Província e concorrer para o desenvolvimento das letras e das ciências".

Catunda era o mais velho dos fundadores, com 53 anos de idade, já consagrado nos conhecimentos da ciência histórica pela publicação dos seus "Estudos de História do Ceará", obra a que Leonardo Mota chama "um dos raros títulos de orgulho de nossa bibliografia".

O mais jovem era Studart, com 32 anos e carregando na mente possante, mas ainda pouco advinhado, o futuro maior historiógrafo e documentista da nossa terra, o futuro Barão de Studart, nume de tutelação dêste Instituto, desta Casa do Barão de Studart.

O segundo em idade, com 50 dos seus setembros, era Juvenal Galeno, que trazia como credencial a sua obra de originalidade poética tôda já acabada — "Prelúdios" (1856), "A Machadada" (1860), "Lendas e Canções Populares" (1861) "Cenas Populares" (1871), "Canções da Escola" (1871) e "Lira Cearense" (1872).

Na classe dos trinta estavam João Perdigão com 33, José Sombra com 35, Antônio Augusto, também com 35, Júlio César com 37, Padre Dr. João da Frota com 38 — os três últimos, tribunos demostênicos que desperdiçavam as fulgurantes pedrarias de sua oratória, sem se incomodarem com a cristalização perpetuante, em obra duradoira da publicidade livresca.

Virgílio de Morais nos 42, e pouco mais que êle, nos 45, Paulino Nogueira, o mais estimado e erudito, por isso mesmo eleito presidente da instituição recém-criada. Forrava-lhe o nome não só a correção com que exercera destacados cargos administrativos e políticos — Professor, Diretor do Liceu, Diretor da Instrução Pública, Deputado Geral, Vice-Presidente, em exercício, da Província —, como a acuidade e substância dos seus trabalhos culturais sempre lidos na límpida fonte de ensinamentos.

Antônio Bezerra tinha 46 e significava elevado expoente do jornalismo de combate, da crônica política e social, do abolicionismo, dos movimentos cívicos, das lucubrações sérias nas ciências naturais. Êle

e Galeno foram os únicos do "Clube Literário" que vieram para a composição inicial do Instituto.

Virgílio Brígido integrara-se também no grupo dos doze pioneiros, contava 33 abris e trouxera do Recife, onde se bacharelara em direito, a pena bem aparada para as lides da imprensa e, paradoxalmente, para escrever ao mesmo tempo as suas ardentes poesias — "Cantos do Amanhecer" (1879) e os seus frios libelos de promotor de justiça.

Com êssas colunas de resistência o edifício teria de erguer-se bem sólido, capaz de enfrentar as vicissitudes que estiolam — e quantas já morreram! — as agremiações de caráter cultural, formadas de audácia e confiança nesta região de crueza clímica, onde o homem desperta as manhãs sem saber, muita vez, a luta que vai lutar.

O destino já arrancou sessenta e oito vêzes, do calendário eterno, a fôlha de 4 de março e outras tantas encontrou a presença do Instituto no seu afã de tornar realidade a promessa de sua letra estatutária, contando triunfos repetidos, mas sabe-se à custa de quais empeços, forçado a mudar de pouso como inquilino desprotegido e, não uma só vez, a achar-se sem pouso algum, esquecido das administrações oficiais, moucas às suas solicitações e só por acaso dando-lhe algum vintém de comiseração.

Confrange saber dessas negaças e da negligência dos homens públicos em relação ao sodalício cuja mais assoberbante ocupação é, sempre foi, concorrer para o engrandecimento e glória do nome cearense.

Nunca passaram, efetivamente, dos limites da migalha as subvenções que os intervalos lúcidos do descaso governamental lhe reconheceram, pequenos óbulos, esmolas de mendigo, que em verdade jamais *sponte sua* nenhuma veio de lá, de mãos beijadas.

Mas o Instituto a despeito disso publicou até hoje a sua Revista, porta-voz da sua lida até os ouvidos do País e além dêle, onde ecôa nas mais simpáticas ressonâncias. E acumulou na sua biblioteca uma riqueza de bibliografia, sequer suspeitada dos governantes e legisladores, cuja grande maioria nem ao menos uma visita de protocolo lhe destinam, para melhor julgar da obstinação produtiva dos seus obreiros silenciosos.

Salvante alguns poucos — Carneiro de Mendonça, Meneses Pimentel, Beni Carvalho, Machado Lopes — a lista dos presidentes e dos deputados estaria *in albis* nos anais dêste laboratório de investigações.

E não é sòmente pelo quanto realizou remando contra a corrente que êle se enobrece. Veja-se o quadro de seus sócios, e ao olhar admirado desfilarão, em galeria de escol, figuras notáveis de saber e de projeção na vida pública que se têm sentado nestas cadeiras venerandas — agora desejadas e até disputadas como galardão honroso e posição de incon-

fundível eminência no espaçoso campo científico-intelectual da pátria de Capistrano e de Alencar.

Tomás Pompeu de Sousa Brasil, Rodolfo Teófilo, Soriano de Albuquerque, Msor. Bruno Figueiredo, Waldemar Falcão, José Lino da Justa, Leonardo Mota, Álvaro Fernandes, Antônio Teodorico, Júlia Vasconcelos, Soares Bulcão, Sousa Pinto, José Sombra Filho, Álvaro Alencar, Eusébio de Sousa, José Carvalho, Hugo Vítor, João Nogueira, Demócrito Rocha, Joaquim Alves — para citar sòmente os mortos — são luseiros de nossa intelectualidade e, porque não dizer?, da intelectualidade do Brasil.

Conheceis todos vós, e nem seria possível ignorá-lo, o conteúdo do mérito em saber e letras de cada um dêsses verdadeiros modelos de inspiração, operários de renome dêste templo de escogitações especializadas, e de joelhos a nossa alma os reverencia no mais estreme aprêço, invocada, nesta hora de culto, como orago máximo, a memória perenal do Barão de Studart, o nosso doutor da lei, que viveu para guardá-lo na continuidade necessária e se constituiu o seu nunca desvigiante sacerdote.

É com efeito esta, meus Senhores, uma hora de culto, o da religião da inteligência, momento votivo de iniciação de novos crentes que se batisam na pia da nossa estima e do nosso contentamento de recebê-los.

A nossa confraria estava a precisar deles, como de outros que hão de vir. A suma consideração em que é tida no País e no estrangeiro, a ponto de a dizerem — o *ápice da cultura do Ceará;* por outro lado, o alargamento que, de último, tomaram as suas disposições de preparar obra do maior âmbito e profundeza, qual a História Geral do Ceará, em mais de trinta tipos de monografia, algumas destas de vários tomos, requerendo músculos fortes que as levem a bom têrmo; e ainda, e principalmente, a indeclinável obrigação que nos corre de imprimir aos estudos da História, da Geografia e da Antropologia, no seio da associação, o sentido moderno e construtivo que orienta atualmente êsses mesmos estudos, egressos da simples concepção de uma deleitosa leitura das páginas do passado e do superficial exame da geofísica e do homem como indivíduo animal, para penetrar no sítio fertilíssimo das pesquisas e descobertas aptas a fornecer as almejadas e indispensáveis interpretações — tudo isso reclamava e reclama, no maduro organismo, a inoculação de energias frescas, de entusiasmos novos, de determinações decididas, que aliviem a fadiga dos que, em pequeno número por via de um conservantismo que por todos os modos respeito, mas não posso justificar, aqui suportam aos ombros o pêso demasiado de quanta coisa se está fazendo e de quanta, ainda mais, é de todo imprescindível fazer.

Porque — meus Senhores — no conceito acertado de Ortega y Gasset, a "história, como ciência, é construção e não mera recreação, é descobrimento de realidades e não manipulação". Não é simplesmente educativa a sua finalidade, como pretende o Prof. Trevelyan, da Universidade de Cambrigde, ou tão ùnicamente literária, como quiseram outros antes dele, isto é, "uma conversa erudita entre historiadores". É antes um instrumento cultural a mais para a exegese do presente, uma dissecação do passado, não pela curiosidade de determinar-lhe a anatomia, mas para dêsse trabalho deduzir aquilo que do passado é possível extrair, a fim de explicar o hoje e projetar no espêlho do amanhã, mais acertadamente, as deliberações humanas. Só a História, escreve Dilthey, "só esta nos ensina o que é a vida e o homem. Só por meio dela compreenderemos o que fomos, como evolvemos e nos convertemos no que somos. Só pela atuação do homem na história é que a vida se esclarece a si mesma, em sua profundeza e complexidade. Na realidade nunca devemos despojarmo-nos do passado ou desentendermo-nos com o que foi".

Temo-nos descuidado, infelizmente, dessa noção orientadora e forçoso é sobrepor à desacreditada história narrativa ou expositiva a vivificante história de interpretação, substituir o trabalho de decalque ou de trivial divulgação pelo estudo dos documentos e descida às fundas estratificações, e trazer à tona o que realmente pode servir às úteis deduções da ciência de Heródoto e Tito Lívio.

De sua vez, dentro do Instituto, não vêm merecendo melhor amor as cogitações da Geografia, o que até causa espécie em face do abundante manancial que nos oferecem as peculiaridades tão sugestivas do meio nordestino, e das modificações que nele pôde introduzir o homem colonizador, criando uma aculturação, um estilo de vida, uma economia, uma civilização enfim, indiscutìvelmente típica e digna de análise cuidadosa. A Geografia física e a humana do Nordeste desafiam provocadoramente os estudiosos da região e nesta Casa, excetuado o interêsse de Pompeu Sobrinho, Carlos Studart, Renato Braga, Guimarães Duque e Francisco Alves, não se cultiva, mais ativamente, nem a Fisiografia nem a Antropogeografia, de tanto valor, ambas, com os seus mais recentes métodos e processos, para a compreensão integral do tão discutido Nordeste Brasileiro.

Igualmente se dá com a Antropologia, incluída no esquema de objetivos do Instituto por ocasião da penúltima reforma de seu regulamento básico e matéria ainda esquecida entre os consócios. O que é deveras lamentável, tendo em conta que, hodiernamente, as recoltas antropológicas, tanto as da antropologia física como as da social, não podem ser dispensadas no entrecho maravilhoso das ciências do homem,

com o seu aspecto moderno de "estudo mais de função que de formas paradas" ou, como dizem alguns antropologistas mais revolucionários — a antropologia funcionalista.

O nosso ufanismo no Instituto, embalando-nos na convicção de que êle representa o ápice intelectual do Ceará — e não digo que o não seja — e de que se empenha na efetivação de grandiosa tarefa, agora mais que em outro período de sua existência, é a principal causa da nossa como que desatualização em meio ao sôpro renovador dominante em vários centros culturais brasileiros. Encolhemo-nos no farisaísmo dessa convicção e não temos querido sair para a luz da rua em que passa o cortejo vistoso das idéias novas, a exigir o nosso acompanhamento como imposição determinista do acelerado progresso científico do mundo.

Já é tempo de, em vez de simplesmente *escrever* História, Geografia e Antropologia, reproduzindo ou divulgando o que foi já escrito, passarmos a *fazer* História, Geografia e Antropologia, e para isso é mister abrir mais resolutamente as portas, ensejando que, às nossas, se misturem e somem os labores da juventude estudiosa que, lá fora, pede ansiosamente, e com razão, o seu lugar nesta comunidade de sabedoria.

Felizmente, com a letra do nosso atual estatuto, vamos começando esperançosa nova éra, da qual esta noite de festa assinala luminoso início, com a investidura dos primeiros escolhidos.

São dez.

Hugo Catunda, genealògicamente Hugo Catunda Brasil Fontenele, nascido em Ipueiras. Especializado em questões de Pedagogia e, de modo mais particular, nas do ensino normal rural, ocupa os cargos de Delegado Regional de Ensino e Vice-presidente do Conselho Estadual de Educação, depois de ter exercido uma série de outros: Diretor do antigo Departamento Geral de Educação, Diretor do Museu Histórico e Arquivo Público, Diretor da Diretoria de Fiscalização do Ensino, Diretor da Diretoria do Ensino Rural do Ceará e Secretário de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Graduado pela Universidade Rural Brasileira do Rio de Janeiro, tem sido obrigatório representante de nossa terra em congressos educacionais, em cujas reuniões sempre debateu os problemas pedagógicos de organização da escola regional, de feição e finalidade ruralistas. Colabora assìduamente nos jornais e revistas de Fortaleza e noutras além-Ceará e pertence a um sem número de associações culturais. Membro efetivo da Academia Cearense de Letras e autor de diversos trabalhos, entre outros, "Metodologia Geral do Ensino na Escola Normal Rural", "Sentido Social da Educação Nova", "Juvenal Galeno, o Precursor da Arte Nova", "João

Brígido", "Um Caudilho do Nordeste", "A Duquesa do Ceará", "Senador Pompeu" e "Atualidade de Justiniano de Serpa". Dedica-se, há longo tempo, às indagações históricas e às da Genealogia e o que escreve sai vestido da linguagem elegante e concisa dos escritores já sazonados. Sabe emprestar às suas publicações caráter de enluvada ajustação sociológica e cativa pelo seu estilo de aristocrático aticismo.

Ismael de Andrade Pordeus. De Quixeramobim, onde nasceu em 25 de dezembro de 1912 e começou os estudos primários, continuados no Convento dos Franciscanos, de Canindé (1925-1928). Daí, com doze outros, foi mandado para o Colégio de João Pessoa, com o fim de seguir para a Alemanha, o que não fêz, indo para o Estado do Espírito Santo, a residir com o irmão já ali instalado. Trabalhou em serviços de campo naquela unidade da Federação e posteriormente, no Ceará, nas Obras Contra as Sêcas. Foi caixeiro em Fortaleza e em 1939 obteve a nomeação de Secretário do Instituto Carneiro de Mendonça, em Santo Antônio de Pitaguari. Coube-lhe, na administração passada, o cargo de Diretor Geral da Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Atualmente é secretário do Juizado de Menores, desta Capital. As páginas do jornal "O Nordeste" são o seu livro. Ocupa-as com artigos e estudos de cunho histórico e do mais incontestado valor. "Assistência ao Menor no Tempo do Ceará Província" (série de 40 comentários), "O Menor no Século XX" (outra série de 20), "Á Margem de D. Guidinha do Poço" (60 comentários) são, além de muitos mais, a amostra de sua indeclinável tendência para as coisas de nossos acontecimentos pretéritos. A última dessas séries de artigos revela a segurança do pesquisador, atilado e incansável, pois que através de documentação dificilmente localizada pôde esclarecer, coisa por coisa, os fatos que inspiraram o famoso e ressuscitado romance de Oliveira Paiva. Ismael Pordeus, para felicidade nossa, é bem a encarnação do espírito amante da verdade histórica e — vamos dizer — exageradamente meticuloso do tio João Batista Perdigão de Oliveira, membro fundador dêste Instituto, seu primeiro 2º Secretário, autor de excelentes memórias em que esgotava a matéria, e de cujo arquivo êle é fiel depositário.

João Batista Saraiva Leão, também de Quixeramobim, de 25 de dezembro. De todos é o mais carregado na idade do corpo, porém tão moço quanto o mais moço na idade do espírito. Nasceu em 1895, digo-o indiscretamente. Médico, professor de medicina, cirurgião conceituado, mas, para chegar a isto, como eu teve de manipular os aparelhos Morse, na repartição dos telégrafos, estragando os nervos nos pernoites mortificantes que davam, e dão, o sabor de fel ao dinheiro que se ganha em troca. Para sustentar a mãe viúva já havia sido caixeiro, tipógrafo, en-

cadernador e auxiliar de escrita comercial. Tudo isso, entretanto, não o desviou dos livros, no esfôrço seu, exclusivamente seu de acumular conhecimentos, que mais tarde fôssem trampolim para sair daquele chumbante terra-terra. Desta maneira é que aperfeiçoou as humanidades, especialmente o vernáculo, a que se dedicou de peito, depois de sofrer, no Liceu, injusta reprovação de uma banca examinadora que, depois de felicitá-lo pelo brilho da prova, foi obrigada, por motivo indefensável, a reprovar tôda a turma. Saraiva Leão muito há escrito — e escreve castiçamente, encarando temas de variada sorte, sendo um dos nossos mais apreciados conferencistas. Pena é que as obrigações profissionais e as funcionais devorem o seu tempo e o privem de uma produção científica e literária mais compacta, como é de esperar-se do seu talento aprimorado.

Joaquim Braga Montenegro é de Maranguape e saiu ao mundo em 28 de fevereiro de 1907. Cursou as aulas primárias — únicos bancos escolares que alisou — em Parangaba, mas dificuldades financeiras dos pais o levaram a abandonar a escola e a ir morar com os avós no sítio Jereraú, do município nativo, ainda hoje propriedade da família. Até os 18 anos aí permaneceu e de lá se transferiu para Manaus a convite de um tio comerciante, para quem trabalhou como auxiliar de escritório e viajante nos navios fluviais da casa, entre Manaus e Porto-Velho e Cachoeira do Samuel, no rio Jamari. Sob a influência dos cronistas do vale amazônico, deu-se a escrever com o pseudônimo de Léo Silva notícias sôbre as originalidades e estupendas maravilhas da privilegiada bacia do Madeira — o seu clima, as águas, as florestas, os costumes e lendas, a navegação típica, um não acabar de naturais encantos. Na capital do Rio Negro frequentava o grupo literário da revista "Redenção", de que faziam parte Péricles de Morais, Abguar Bastos, Raimundo de Morais, Álvaro Maia, Adriano Jorge, João Leda, Da Costa e Silva, Leopoldo Peres, Clóvis Barbosa e outros reputados autores das letras do Amazonas. Os seus primeiros contos têm êsse incentivo e se calcam nas lendas da imensa planície. Sem tardar, fundou, com acadêmicos de direito, a "Sociedade Literária dos Novos". Voltando ao Ceará, exerceu cargos públicos e por via de concurso entrou para o Banco do Brasil, no qual tem feito vitoriosa carreira. É um dos componentes do chamado grupo *Clã*, em cuja revista fartamente há colaborado, e assim nas do Rio de Janeiro, com os seus excelentes contos, ensaios e estudos de crítica literária, que o puseram ao nível dos grandes intelectuais do Sul, hoje seus colegas ombro a ombro no ficcionismo nacional. A sua produção esparsa é abundante. Em 1945 reuniu alguns contos no volume *Uma Chama ao Vento*, que mereceu o prêmio *Aequitas*, de Fortaleza, e,

em 1947, o prêmio *Afonso Arinos* da Academia Brasileira de Letras. Trabalhos seus como "Araripe Júnior" (1948), "Evolução e Natureza do Conto Cearense" (1951), "André Gide" (1952), consolidaram o seu renome de crítico e ensaista de erudição, ventilando assunto de história e de estética literária. Prepara no momento não só um capítulo sôbre "Araripe Júnior e o seu papel na crítica nacional" para o 3º volume de *A Literatura no Brasil* — obra monumental que está sendo editada pela Fundação Larragoitti, sob a orientação do crítico Afrânio Coutinho e com a assistência dos escritores Eugênio Gomes e Barreto Filho, — como longo ensaio sôbre o Conto Brasileiro, suas tendências e evolução. Tem, já redigido, um livro de contos inspirados na paisagem e nos costumes amazonenses.

É membro efetivo da Academia Cearense de Letras.

Não seria fácil, talvez, situar a natureza literária e cultural dêsse escritor, cuja obra vai desde o poema ao romance, desde o conto ao ensaio de crítica e erudição. Na ficção, entretanto, as suas tendências se expressam num realismo psicológico de que é modêlo nacional Machado de Assis e, no plano universal, Anton Tchekov. Quanto ao ensaio e à crítica, a sua orientação é fundamentalmente estética, sem desdém às correntes filosóficas e históricas da literatura. Além de literato, pròpriamente dito, dedica-se à Sociologia, às Finanças e à História em geral. É igualmente interessado nos conhecimentos da Filosofia e da Psicologia, do que se observa o rastro no conteúdo dos seus ensaios.

José Aurélio Saraiva Câmara. Outro de Quixeramobim, que somado aos dois anteriores e a Andrade Furtado e Clodoaldo Pinto perfaz a quintilha de nossa querença. Com Antônio Bezerra e Álvaro Fernandes completa a constelação das Plêiades no firmamento sereno da nossa agremiação.

Entre lágrimas dos rapazinhos que se despedem dos pais também chorosos, partiu o Aurélio da sua cidade, que entre outras coisas tem de grande o nome, a ponte e a língua do povo, na expressão humorística de Quintino Cunha, e veio para Fortaleza, a fim de freqüentar, como fêz, o então Colégio Militar, cujo curso terminou com tal distinção que foi o orador de sua turma. No Exército a viagem dos seus galões tem sido uma rápida batida de conquistas. Curso da Escola Militar de Realengo, da Escola de Artilharia de Costa e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Tenente, Capitão, Major, Tenente-Coronel, tudo com honroso luzimento. Por concurso, é sua a cátedra de Álgebra da nossa Escola Preparatória de Cadetes. Engenheiro Civil pela Escola Politécnica da Bahia. Membro do Instituto do Nordeste e do Instituto Cearense de Genealogia.

Recentemente, foi Secretário de Estado e Comandante da Polícia Militar do Ceará. A sua colaboração na imprensa de Fortaleza é constante e os seus artigos foram seguro roteiro para o seu descobrimento como escritor apurado, dono de cultura geral do mais acentuado timbre e, portanto, habilitado a merecer o nosso convite. Viu-se de logo o que era êle — e não se sabia — uma afirmação vigorosa da aptidão para grandes cometimentos nos domínios do saber. O grau de sua preparação ouro-puro se obtém com a leitura de seu livro "*Números Complexos* — Estudo algébrico dos imaginários" (1953) e da plaqueta "A Geometria e os Gregos" (1954). Aniversaria todos os 22 de junho, desde 1921.

José Denizard Macedo de Alcântara. Foi o sol do Crato, já tardinha deitando-se no horizonte alto da majestosa Araripe, que lhe feriu pela primeira vez os olhos. Em 1921. Dia 1 de setembro. É o quarto do Cariri que nos vem, e na certa honrará as tradições da velha Missão do Miranda, como tanto a ilustraram os três primeiros — o sociólogo Álvaro Bomílcar, José Carvalho (o cearense que, no Norte, onde mais viveu, se constituiu o lídimo "professor de cearensismo", na frase justiceira de Leonardo Mota) e Martins Filho, atual Magnífico Reitor da nossa recente Universidade.

O currículo cultural de Denizard já o Instituto o possuía, quando de sua proposta para preenchimento da cadeira do saudoso Joaquim Alves, a qual acabou continuando vaga por não terem atingido os candidatos o *quorum* regimental e só mais tarde se preencheu com a vitória de Guimarães Duque.

Dele constam as informações que o mostram muito bem apessoado de merecimentos. Estudou as letras rudimentares e as três primeiras séries ginasiais na cidade natal, tendo concluído o secundário no Liceu, em Fortaleza. Em 1945 colou o grau de bacharel em ciências econômicas, mas desde 1937 fazia do magistério a sua preocupação absorvente, lá na sua urbe do Batateira, ensinando a Língua portuguêsa, a História e a Geografia. Na Capital, ministra aulas em muitos colégios e, como catedrático, no Instituto de Educação, na Escola Preparatória de Cadetes e na Faculdade Católica de Filosofia. "Muitos dêstes cargos logrou conquistar através de concurso, onde demonstrou sólida cultura humanista e visível gôsto para os assuntos sociais, econômicos, históricos e geográficos". Publicou os opúsculos "A Universidade na Defesa Nacional" (1941, 25 páginas), "Fundamentos da Administração Cearense" (1946, 55 páginas), "A Conjuntura Histórico-Geográfica da Industrialização Brasileira" (1948, 19 páginas.), "O Vale do Jaguaribe", con-

ferência pronunciada em Limoeiro do Norte, 1949, "Racionalização da Competência Administrativa do Município", tese para a livre-docência na Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará. A sua frequência às colunas dos jornais e revistas caracteriza-lhe a militança no jornalismo e a autoridade como "polígrafo de extraordinários recursos". No parecer sôbre a sua aludida proposta de sócio, Renato Braga escreveu, como relator: — "A simples enunciação dêstes trabalhos revela-nos de logo a acentuada inclinação do autor para os assuntos sociais, econômicos e de ordem administrativa. Estudioso acurado da Geografia, da História, da Economia e da Sociologia, procura sempre aplicar os conhecimentos nelas bebidos aos problemas brasileiros, sejam nacionais ou de caráter regional. Sente-se nos seus trabalhos borbulhar o amor das tradições e um arraigado pendor pelo municipalismo. É a tradição do sangue e da terra cristalizada nas palavras do pensador português Antônio Sardinha, com as quais encimou o ofertório de sua tese de livre-docência".

José Sobreira de Amorim tem o nome literário Amorim Sobreira e vem completar a quina heráldica de nosso brasão cratense, pois teve o mesmo berço pé-de-serra de Bomílcar, José Carvalho, Martins Filho e Denizard. De 14 de maio de 1912. Alfabetizou-se na Meca Ciceroniana e na Milagres do nosso querido Padre Misael Gomes. Cursou as humanidades no Seminário de Crato sob o patrocínio do tio Pe. Azarias Sobreira, êsse meio anacoreta do Aracati, não sei se vivendo em odor de santidade, mas, sem qualquer dúvida, portador da mais acrisolada pureza de espírito e de moral, que se reflete com intensidade no cristal d'alma do discípulo. Soldado voluntário por fôrça da fome que o ameaçava, foi servir como raso na infantaria do Exército, no Rio de Janeiro, e combateu as revoluções de 1930 e 1932. Não admira dizer que em 1933 e metade de 1934 já estava, como farmacêutico licenciado, vendendo remédios na cidade paraibana de Bonito de Santa Fé, sócio de outro tio. Da segunda parte dêste último ano até 1936 vemo-lo lecionando Português, Ciências Naturais, Latim e Matemática no Ginásio do Crato. Depois oficializou os preparatórios, parte no Liceu do Ceará e parte neste aludido Ginásio. O diploma de Bacharel em Direito foi-lhe entregue em 1941, coroamento merecido das incertezas de tantas migrações e das horas furtadas ao lufa-lufa do professorato em vários estabelecimentos de ensinação e aos horários dos empregos públicos, na procura do almôço de cada dia. É livre-docente, com a láurea do primeiro lugar, da Faculdade de Direito e ora se senta na cátedra, interinamente. Professor de Latim e de Literatura Latina na Faculdade de Filosofia, que ajudou a fundar. Também catedrático do Instituto de Educação. Cola-

borador da imprensa da cidade e da revista da Salamanca cearense. A sua formação religiosa fê-lo combatente de vanguarda da fé e presidiu à União de Moços Católicos, tempo em que manteve uma secção hebdomadária de comentários aos textos evangélicos, no "Unitário", desta capital. Nessa mesma instituição católica, e durante a sua gestão, fundou e dirigiu a Escola de Estudos Superiores, sob a assistência eclesiástica do Pe. Perdigão Sampaio. Nela ensinou Sociologia. Obediente aos ditames do seu espírito de iniciativa e de organização, criou e instalou, em abril dêste corrente ano, o Instituto de Cultura Clássica, a que preside. Apreciável número de plaquetas monográficas costuram a sua bagagem de publicações. Para sair, já confiados ao prelo, anotem-se "Letras de Ontem" e "Folclore da Jangada do Ceará". Os originais de um "Curso de Direito Romano" e do livro "Litteratum Latinorum Proelectiones" acham-se em quase conclusão.

Luís Teixeira Barros. A sua queda para o estudo da História advém muito da influência do pai, o Dr. Alerano Barros, apaixonado cultor da ciência de Capistrano, que não furtara, antes herdara êsse gôsto do genitor Joaquim Leal de Barros, bacharel, professor de matemática e literato, em Pernambuco. Nasceu onde nasceram Beviláqua e Tibúrcio, na Viçosa do Ceará. Em Maranguape, para onde se transferira como filho do juiz de direito, carregou debaixo do braço os livros das primeiras letras, e os das secundárias êle os leu no Colégio Castelo Branco, de Fortaleza. As suas letras superiores foram na Faculdade de Direito. Começou a colaborar regularmente na imprensa em 1940, participando do movimento católico "Coluna dos Novos", de que era veículo "O Nordeste". Mais de 300 artigos já publicou em diversos periódicos, versando a crítica literária, a crítica histórica, a doutrina católica, os problemas nacionais. Mais condizentes com a sua queda para a apreciação dos fatos e fenômenos históricos, podem ser indicados escritos como: "O parlamentarismo no Brasil" (4 artigos, 1950), "A Reforma do Ensino de História" (5 artigos, 1951) "Antônio Conselheiro" (7 artigos de comentários ao livro de igual título de Abelardo Montenegro, 1954). Das suas conferências merecem destaque: — "Oliveira Lima e a cultura nacional" (1942, Salão Juvenal Galeno), "O Centenário de Visconde de Taunay" (1943, idem), "O Barão do Rio Branco e sua época" (1945, idem), "A Sociedade Brasileira no tempo da Questão Religiosa" (1944, União de Moços Católicos), "O Centenário do Almirante Saldanha" (1946, idem), "O Centenário de Carlos Laet" (1947, Ação Católica). "Nabuco, aristocrata de pensamento brasileiro" (1949, Instituto Brasil-EE.UU), "Caxias e a unidade Brasileira" (1953, Escola Preparatória de Cadetes), "Atualidades de Euclides da Cunha" (1954, Centro de

Estudos Sinó Pinheiro), "A mulher na história do Brasil" (1954, Salão Juvenal Galeno).

Na sua pasta de Diretor de Divisão no Departamento do Serviço do Pessoal do Estado saem diàriamente de sua lavra bem fundamentados pareceres, exposições de motivos, programas de concurso e pontos de aula de direito administrativo e de direito constitucional. Como professor de História do Brasil e de História Geral não pára de colégio a colégio.

Vivendo muito dentro de si próprio, como o caramujo, na mais esquivante modéstia, medita e produz escondido as suas jóias do mais delicado lavor. Confessou-me, a grande custo, guardar inéditos, prontinhos para as máquinas, "História Econômica e Administrativa do Brasil" (em colaboração com o Prof. Adalgiso de Paiva), "Índice Cronológico da Literatura Brasileira", "Resenhas Estatísticas" (a relação dos soberanos dos principais países do mundo, obra de pura erudição) e "A Monarquia Brasileira — Gênese, desenvolvimento, apogeu e declínio de um regime liberal do século XIX", livro de segura esquemação e largo desenvolvimento.

Manuel Albano Amora. Deve ter nascido em berço de arminho e almofada de veludo, de cuja maciez e delicadeza impregnou as maneiras de trato e a sensibilidade pessoal. A sua educação esmerada, quase de príncipe, atrai a estima dos da sua privança para a sua personalidade que eu diria de brandura repousante. Parece que estamos a enxergar nele o tom de finura social dos avoengos, vivendo vida européia no pequeno ambiente caboclo do Pajeú, os Albanos civilizados, dignos, refinados, trajando casaca nos salões, tanto como os Albanos da outra face, discretos, sem preconceitos, tementes a Deus, filantropos, distribuindo óbulos gordos para as casas de caridade em apuros, com os hóspedes e tudo em carência.

Dos dez, só êle nasceu em Fortaleza. Na conjuntura difícil de 1915, quando a cidade gemia a dor de asilar milhares de emigrados do sertão ardente de sêca. Instruiu-se e poliu-se bem orientado e em justo equilíbrio até o fim da diplomação na ciência de Ulpiano e Beviláqua, dando primazia ao direito criminal em que é abalisado e que dia e noite movimenta nos casos da Promotoria Pública e nas lições de sua cadeira no Instituto Social de Fortaleza.

Mas sobram-lhe azos para as conversas com as musas e para cultivar a História. Lendo, ainda mocinho, os alfarrábios do avô Gil Amora, seu retrato físico e temperamental, é que se identificou com as delícias da literatura e, folheando na farmácia do tio Antônio Albano, as páginas da Revista do Instituto do Ceará, afez-se à estudiosidade do conheci-

mento histórico, o qual na verdade nos dá, pouco a pouco, essa falada voracidade de *ratos de biblioteca* e nos manda a alma ver e reviver as paragens e paisagens da vida humana ao longo do rastilho infindo deixado pelos séculos.

A colaboração que dava ao jornal "O Ceará" de Júlio Ibiapina serviu-lhe de treino para o desporte beletrista, melhorado de padrão na revista "Letras", que fundou com Antônio Girão Barroso, e na da Faculdade de Direito.

Publicou "Manhã de Amor" (versos de inspiração modernista), "Felino Barroso" (traços biográficos), "Santo Antônio na devoção cearense" (tema folclórico), "José de Alencar, poeta" e "Elogio de Tomás Lopes", seu patrono na Academia Cearense de Letras, da qual é Secretário e entusiasta animador.

Paulo Fernandes Bonavides. O benjamim dos novéis. Nascido faz apenas trinta vêzes maio, na cidade paraibana de Patos. O único não cearense de nascimento, porém da gema pela adaptação de quase mimetismo a tudo o que é nosso, desde 1934, quando veio iniciar o ginasial no Liceu e continuá-lo no jurídico da Faculdade de Direito. Estágio na América do Norte, como freqüentador do grupo dos "Nieman Fellows", na Universidade de Harvard, determinou que sòmente em 1948 concluísse o curso acadêmico, agora na Universidade do Brasil. Ainda bacharelando, conquistou, em rigoroso concurso de provas, uma bolsa de viagem ao Uruguai e à Argentina, países que visitou em missão cultural. Novamente no Ceará em 1949, passou a exercer atividades no jornalismo e no magistério, tornando-se, também por concurso, professor catedrático de Sociologia Educacional do Instituto de Educação Justiniano de Serpa e Assistente Técnico de Educação da Prefeitura Municipal. Nesta funsão concorreu para ser criado o Departamento de Cultura, que dirigiu com eficácia e descortino, promovendo concursos literários, publicação de cadernos de cultura, conferências sôbre a cidade e outros comentimentos em favor da elevação do nosso meio intelectual.

Em 1952, a convite do Prof. Harri Meier, da Universidade de Heidelberg, visitou a Alemanha e durante o ano letivo de 1952-53 ministrou no Seminário Românico daquela Universidade um curso de literatura brasileira e fundou, juntamente com o Prof. Meier, o Centro de Estudos Brasileiros, ora em plena florescência.

A sua colaboração na imprensa é alentada, notadamente n' "O Povo" desta Capital, para cujas colunas mandou a maior parte da correspondência jornalística de suas viagens ao Exterior. No Rio de Janeiro, durante três anos, foi correspondente da "Associated Press" e como tal

escreveu vasta correspondência assinada para vários órgãos da publicidade da América Latina. No seu fichário de escritor nós encontramos — "Universidades da América" (1946), prefaciado por Gilbreto Freire e premiado pela Academia Brasileira de Letras; "O Tempo e os Homens" (1952), livro de crônicas e ensaios; "Cultura Jurídica Alemã e Rumos Sociais Brasileiros (1955) e, por último, "Dos fins do Estado — Síntese das Principais doutrinas teleológicas", tese de concurso à livre docência na Faculdade de Direito do Ceará.

* * *

Meus presados amigos recipiendários:

De quanto acabo de dizer deveis ter comprcendido que não se alcançaram pacìficamente as modificações ùltimamente introduzidas em nossos estatutos. Pelo contrário, para ensejar o vosso chamamento os corifeus da forma nova tiveram de transpor as barreiras de uma resistência que, por não declarada, mais dificultava a dialética do convencimento. Os que, mais conservadores, se opunham, faziam-no sutil e passivamente, preferindo na delicadeza da sua negativa optar por um procedimento que não viesse melindrar os outros, e essas escusas cavalheirescas agravavam a superação.

Também a vossa eleição, já derribados os óbices, não resultou de quaisquer combinações ou transigências, senão do mais animado pleito de quantos se têm agitado na vida dêste Instituto. De todos os sócios, no dia em Fortaleza, só dois, por motivo de saúde, não puderam votar e, de outro lado, grande era o número de candidatos apresentados, todos bem guarnecidos de credenciais legítimas e respeitáveis.

Prova de que atravessastes debaixo de fogo as Termópilas da apuração e de que esta não se aconselhou em qualquer sentimento familiar ou amigueiro, como se pretendeu insinuar.

E considerareis mais que, escolhendo-vos, não quisemos apenas aumentar de volume o quadro social e sim trazer para êle o rico potencial da vossa inteligência e da vossa capacidade realizadora, promessa e garantia do trabalho de renovação e de equipe por nós tão intensamente desejado.

Envolve-se, portanto, em compromisso sério a vossa responsabilidade de atender à nossa confiança e dignificar a vossa fama de graduados e indormidos cultores das ciências e letras que nesta Casa se estudam.

Que uns e outros, nós e vós, nos entrosemos firmemente e nos compreendamos no esfôrço comum de erguer cada vez mais o Instituto ao glorioso ápice mental desta terra de sol.

Sêde bem vindos.